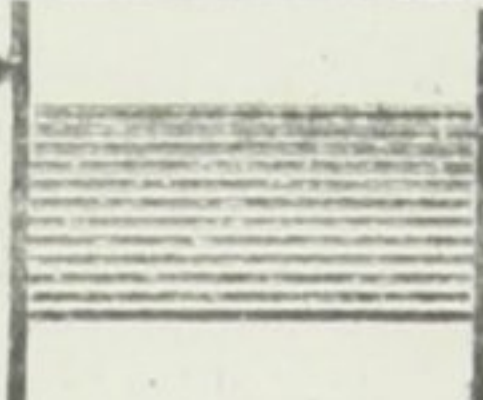


leite crioulo

Suplemento do
ESTADO DE MINAS
numero VI



direcção de
João Dornas Filho,
Achiles Vivacqua
e Guilhermino Cesar

raça

CANTIGA

Papagaio de penna verde
Altos mysterios de Deus
Toda casa velha tem rato
Só morre quem Deus é servido.

Eu trepei no mamoeiro
Para apanhar um mamão
E fiz de lá de cima
Assim no chão chibu',

Pequeno escriptor

Olavo Augusto Mata.

cae a chuva...

a chuva cáe que tristeza
bimbalhando nas roseiras
na calçada as poças dagua
nos telhados as gotteiras
poças na alma que magua
lapis que corre papel
chuvas dos olhos saudade
cáe a chuva na calçada
ha gotteiras nos meus olhos
carta molhada
e a mão fica parada
tremendo sobre o papel
cáe a chuva na cidade
cáe a chuva nas estradas...

miêtta santiago.

devore-se

de Nwton Braga pra "leite crioulo"

Estou com o nome no corpo. Na barriga ou na cabeça. Não sei. Sei que não ha meio de me chegar á bocca ou á ponta material da penna. Mas eu me explico.

E' uma formigazinha pequeninasinha que anda aos milhões de milhões e milhões e que quando dá numa casa não ha baraata, puga, rato ou outro insecto mair, que não saia de seu canto, tocado, escurraçado e muitas vezes devorados. E' uma formiguinha dos diabos. Lá pro norte de Minas e sul da Bahia, sertão velho, tratam-na por "correição". E a bichinha parece mesmo em alguma cousa com official de justiça. Pois é... Eu lembro sempre dessas formigas quando ouço falar no actual movimento renovador da literatura brasileira. Porque eu comparo os moços valentes e batutas da geração modernista com essas formiguinhas "correição" de que não ha meio de me lembrar o nome capi-chaba.

Deram agora forte e preto no Brasil. E está botando muito baratão (até nas casacas e uniformes academicos se parecem...) grande e aposentado pra fóra da tóca. Cada uma... Nem flit, nem baratol (pague-se a reclama) nem nada. Só mesmo a formiguinha ranzinza do nome esquecido.

E dessa vez foi uma invasão de facto. Não ha rato nem baraata nem grilo nem cigarra que resista. Estão fazendo um cerco completo na casa... no caso... o Brasil. Assim é que, bem regimentadas, cada qual com mais fome de reliquias, medalhões e antiguidades, vão se enfileirando os esquadões da "correição" literaria.

Revista ás tropas: firme, formigada! Lá no norte, bem lá em cima, o "Maracajá" brabo. Depois, descendo um pouco, as de "Arcos Flexa". Depois, no centro, as formigas da "Montanha", da "Verde" e do "Leite crioulo". E mais pro sul, "Antropofagia" e "Supernacionalismo".

Ha muita formiga batuta e muita fome.

E ha cada barata do outro mundo...

Oh! eu ser general, pra dar um grito de commando hem forte: "Atenção! em tres tempos:

Dê... vô... rar!

Aos srs. fazendeiros e criadores

Na sua secção "A vida nas fazendas", dirigida pelo sr. Socrates Alvim, vice-presidente da Sociedade Mineira de Agricultura, auxiliado por technicos de comprovada competencia, o ESTADO DE MINAS responderá a qualquer consulta sobre assumptos referentes á agricultura e á criação.

milú

Na Fazenda. Ao cahir da noite.
A escrava mais nova ainda não tinha voltado da lavoura grande

Vinha cantando, sosinha, pela estrada
Quando de surpresa o feitor apeou-se do cavallo e agarrou-a brutalmente pela cintura elastica.

Gritou. Gritou chela de susto,
No ermo da grande tarde selvagem.

Mas elle era branco e tinha os musculos mais fortes.

As arvores tapavam os olhos com vergonha.

Ella levava no vestido
Um cheiro de macegas do fundo da lavoura grande.

JACOB PIM-PIM
(S. Paulo)

chromo

A casa borboleta
de João Zakarias
fica mesmo em frente do quartel.

Tres portas abertas pra rua.

Na casa borboleta de João Zakarias
as morenas dengosas
em batutos requebros,
compram fitas
compram cortes de chita
e carretel...

E os soldados de cabelo partido ao melo
quepe caldo para um lado,
de olhos parados
— cobiçando os frutos cheirosos
fazem sentinela
á casa borboleta de João Zakarias
que fica em frente do quartel.

A. Vivacqua.

Dinheiro

Até a quantia de 200 contos empresta sobre hypothecas de predio na zona urbana. Tratar com José Pitanguy no Cartorio Ferraz.-- Goyaz 94.

Tosse e Bronchite

ALCATROL

Faz desaparecer rapidamente

INDICADOR COMMERCIAL

ESCRITORIO TECHNICO DE JARDINS

FLORICULTURA LEMPP
Projectos, construcções, reformas de jardins, parques, pomar, tennis, etc., etc.

Avenida Paraopeba, 284

façamos nossa a nossa casa

Por Americo R. NETTO
(Para Leite Criolo)

As casas brasileiras são construídas para o transeunte e são preparadas para o visitante. Querem impressionar quem passa e agradar quem chega.

Cuidemos do habitante, também. A casa é, principalmente, dos que moram nella. Demos-lhes, portanto, muito espaço e muita luz. E, ainda, um pouco de côr, lembrando-nos de que as portas precisam ser escuras.

Poucos pannels. Rendas ainda menos. E nada de dourados. Me-taes, quando os houver, sempre irrepresentavelmente polidos. Soalhos escuros e espelhantes.

As casas modernas, de commodos pequenos, já não admittem as pinturas a oleo, com pesadas molduras. Falta quasi sempre distancia para vel-as bem. Prefiramos as aquarellas, o mais possível luminosas. Pastéis, também. Desenhos a traços finos. E molduras estreitas e severas.

Evitemos as salas que só se abrem para as visitas. Abominemos os moveis encapados, como também os objectos guardados só para as grandes occasiões. Sirvamo-nos delles sempre para o nosso uso costumeiro. A casa é dos habitantes, repetimos.

Não deve haver economia em materia de luz. Lampadas fortes e sempre novas. As velhas ficam escuras e gastam mais energia. Deixemos de lado os "abat-jours" rendilhados e bordados ou pintados com figurinhas. Velemos as luzes com largos vidros foscos, evitando que a vista encontre directamente qualquer fóco luminoso.

O bibelô precisa ser irremissivelmente condemnado. Na habitação só deve entrar, em geral, o ornamento util. As prateleirinhas, os bicinhos, as figurinhas, tudo são coisas de um passado complicado. Não têm, realmente, razão de ser.

Os moveis de pés finos e encurvados são verdadeiras armadilhas. Escapam ao requisito de solidez, que deve ser fundamental. Do mesmo modo as curvas sobre curvas e as esculpturas e xadrezados de vidro são puras fantasias de marceneiros de mau gosto. Procuremos sempre as grande rectas e os planos largos. E as bellas madeiras, como as embuyas, onde não faltam paysagens estupendas, de nós e de fibras.

Na mesa tudo deve ser largo e baixo. Macisso, mesmo. O grande luxo está na alvura impeccavel das toalhas e dos guarda-napos.

Numa casa bem limpa, no nosso clima, os livros não devem caber em estantes envidraçadas. Deixemol-os expostos ao ar, resguardando-os um pouco da luz, que rapidamente os queima.

Não larguemos pelo chão tapetinhos e almofadas miudas. Estas devem ser poucas, mas de grande tamanho. E as redondas e quadradas continuam a ser as mais bonitas.

O aposento das installações hydraulicas deve ser o principal de toda a casa. Chamemol-o sala e não quarto de banho, para nos habituarmos a lhe dar a importancia que merece e que precisa.

Agua abundante, toalhas grandes e limpas taes são os requisitos destes salões.

Salvo raros casos as photographias não devem constituir motivos para quadros. Guardemol-as num album de bom tamanho, de onde possam ser facilmente retiradas.

Na casa tudo deve funcionar sempre bem. Nada de portas que guincham ou emperram, de torneiras que fecham mal, de moveis que não assentam bem no chão. E' nestes detalhes que está o real segredo do grande conforto.

O radio e a victrola são facas de dois gumes. Usemos mas não abusemos.

Os recantos e depositos devem ser supprimidos o mais possível. O que se guarda muito não possui, em geral, nenhuma utilidade. Descompliquemos a nossa vida.

o brasileiro e o homem que comprou o bonde da Laite

Uma feição crioula que caracteriza o brasileiro é a sociabilidade em excesso. Povo nascido e vivido em nucleos apartados por legoas e legoas, nós, logo que encontramos um cara qualquer queremos saber de onde é, pra onde vai o que pretende fazer na vida. E' fenomeno que se observa na estrada de ferro, no cinema, no bonde, em toda a parte em que se reúnem pessoas. Principalmente nós aqui de Minas, somos de uma sociabilidade doentia.

Si todos fossem sinceros, declararíamos nas sessões pagas dos jornais que a coisa mais pau que existe é uma visita. Fazer ou receber. Pois bem. A maior preocupação do mineiro é fazer visitas.

Essa mania de socialização é um defeito gravissimo da nossa educação. O brasileiro, que tem tempo para muita coisa, além de fazer visitas, entende que os mais também o têm. Se esquece de que o telegrapho e os cartões foram inventados para evitar essas catecações.

E não é só nesse ponto que a nossa educação social é defeituosa. Si fosse, estaria muito bom, porque o mais que pode acontecer é o que aconteceu ao sr. conde de Afonso Celso com a Mme. Cure. Isto é, deixou de recebê-lo, porque era hora de estudar. Como bom brasileiro — bom demais — elle pensou que a descobridora do radio fez a sua celebridade recebendo visitas.

O defeito é mais berrante porque contraria a pratica da vida — dinheiro, caramba! — Como acontecera com o nosso pobre coestadano de Goyaz, que comprou o bonde da Laite. Foi o tal de sociabilidade que o comprometteu. Si não tivesse provocado conversa com o passageiro do lado, que era um vigarista sabido, estaria livre de perder doze contos de reis.

Si fosse juiz no julgamento do vigarista eu o absolveria. E condemnaria ás custas ainda o bôco do goyano. Pra aprender.

Educação se faz e assim.
(No hotel do Guimarães, em Oliveira).

João Dornas Filho.

o sol na prosa

Em B. Horizonte em junho
o sol pela manhã não
é páu não.

(Si fosse em Ouro Preto as
lagartixas se espichavam
pra fóra dos buracos
nas pedras centenárias).

Ao meio-dia não é de
todo catholico debaixo
do braço dos transeuntes.

Mas ás quinze é bonzão...
nas sombras compridas
das arvores redondas.

Porque então aquelle
homem varapáu do
guarda-sol ou chuva
na paisagem mineira?

FONTE BOA

O Descontente

FRANCISCO INACIO PEIXOTO

O homem pensativo se assentou num banco do jardim farfalhante e se dispoz a misturar reflexões sombrias nas fumaradas do seu cigarro vagabundo. Imaginou:

— No meio desta multidão ruidosa sou o unico espirito martirizado, a unica sensibilidade afinada, o unico cerebro animado por pensamentos transcendentes.

Imaginou, compondo rugas opportunas no rosto, e balançou vaidosamente a perna.

O rec-rec da areia pisada por mil pés inconcientes, os sorrisos festivos e os sons que saiam do coreto, fugindo ingenuamente pra longas alturas, tudo, tudo fazia melancolia, enchendo-o de vontades absurdas, de superioridade e de desprezo pelo mundo.

Esperou, impaciente, cumprimentos amaveis e ouvidos resignados que escutassem o seu ceticismo. Fez questão de que todos achassem elle um triste, uma eterna victima da incompreensão humana. Sentia egoismos formidaveis latejando em si e teve um orgulho de querer se lastimar em voz alta, hypocritamente.

— Não sei... Não estou de mal com elle não. Mas depois do que elle fez comigo, comigo que era um seu irmão de arte... Você já sabe, não? Pois é... E depois não é por despeito que eu falo não, mas a sua pose é intoncebível. Chega a ser besta, ridiculo com aquella sua preocupação pelos preconceitos. A gente confiar em amigos... "Amigos cento e dez ou talvez mais eu já contei!" E' uma verdade. E eu que vivia lhe fazendo favores... Você sabe, não?

Com reticencias nos olhos e na fala, impunha delicadamente:

— Você nem deve ligar mais pra elle. Nunca pensei, rapaz! enfim...

O outro se desculpou com um "boa-tarde" risonho e foi andando.

Calculou:

— Que que este sujeito vai pensar de mim? que sou um bobo, um idiota? Sim, que sou um idiota. Até aposto! Mas não faz mal...

Sentiu-se mais incomprehendido, com mais rancor pela humanidade nojenta e miseravel.

Phrases pomposas lhe rolavam em cachoeiras pela cabeça.

— Hei de viver aqui por diante anonimamente, arrastando-me pelo palco silencioso e tragico da minha existencia! exclamou baixinho, soltando devagar a ultima tragada de fumaça, que se emaranhou pela ramagem dos coqueiros.

Teve um olhar duro e cruel para umas mocinhas.

— O' as mulheres, as mulheres!... "A melhor posição pra u'a mulher é a horizontal." Quem havia dito isto era, era...

Enquanto o homem pensativo procurava se lembrar, se levantou e foi caminhando cabisbaixo, levando desgraças imaginarias sobre os hombros inuteis.

Um sino bateu alto na boquinha da noite: BEM... BÃO; BEMBÃO! BEM... BÃO!

Ainda olhou pra cima.

— Bembão o quê?

Quis chorar largamente, derramar lagrimas maguadas na tarde inocente.

O sininho continuou mais alto e mais longe: BEM... BÃO! BEMBÃO! BEM... BÃÃOÓÓ!

uma doida aventura

Oswaldo Abrita.

O sujeito ás vezes sai de manhan, safado da vida porque não dormiu bem. Mas porque isso? Por causa apenas de umas bombinhas que vivem chateando os ouvidos da gente, em toda parte. Até parece incrível que numa cidade como Belo Horizonte, em plena frente do Cinema Gloria, fiquem esses meninos soltando bombinhas e busca-pés e — o que é peor — procurando para alvo as indefesas pernas das moças. E bombinha por aqui agora é moda. A venda é por atacado e a varejo. Um pobre camarada se encosta descuidado numa esquina, com qualquer diario em punho e de repente esbarra com dois desgostos: Pá! (estourou a bomba!) e quando ele dá de cara com as mãos, ó que maçada, não é que os dedos estão pretinhos de tinta? E isso começa de tardinha e vai até alta madrugada.

E' por isso que o individuo, saindo da cama, de manhan, danado da vida, por não ter podido dormir, desce pro Parque tranquilamente, onde vai respirar um ar mais puro, pelo menos sem fumaça de bombinha...

Nisso o supradito esbarra com um grupo de moças (é o diabo! pra toda parte que se vá a gente esbarra com moça!) sentadas num banco com um rapaz que, sem ao menos dar confiança ao frio, está metido num terninho branco. Mas nisso o mesmo, não sei pra fazer o que — nem é bom entrar em indagações, sai do banco, de mansinho. As moças, com o pobre assim de costas, cochicham, uma delas com um jornal na mão.

— Vamos pregar uma peça nele?

— Vamos!... Ih que bão! Mas que bão!

Nisso estendem o jornal no banco, mesmo no lugar em que o camarada vai assentar. Mesmo porque si elle não se assentar ali, elas insistirão até o cristo se abarracar. Isso é que é certo. De mais a mais, nuns passeios desses, um moço, sosinho, no meio de muitas mocinhas serigaitas, só tem que bancar o besta. Si tem... Mas já me vou alongando e o rapaz, enquanto isso já se abancou, entre sorrisos e deferencias...

Nisto se levantam. E atraz da pobre vitima, comecam as moças a gritar: — Como é? Vira a página!

E o rapaz incomodado, rindo sem saber de que: — Mas que página?

— Ora, a página da Folha da Noite...

Só então, saindo dali, comendo braza, fula, vai pra casa e dá com o descalabro: tinha uma página inteirinha da Folha da Noite impressa no assento...

Mais seis pilas pra lavanderia...

"Ce monde est un buraque..."

Chagas, Feridas e Ulceras

CURAM-SE COM O USO DA

"Pomada seccativa de S. Lazaro"

40 annos de existencia e dezenas de attestados em nosso poder affirmam a sua efficacia

Licenciado pela Inspectoria de Hygiene em 15-12-1891

FABRICA: Laboratorio Pharmaceutico Gonzaga — Rua dos Andradas 10, Rio de Janeiro.

Depositarios: Martins Liberato & Cia. — Rua Senhor dos Passos 8, Caixa Postal, 2147.

RIO DE JANEIRO

Leite Criolo. — B.H. : 7 Jul. 1929.